

O NOME COMO MATRIZ DE TODAS AS CLASSES: MOVIMENTOS PRAGMÁTICO-METAFÓRICOS DA TAXIONOMIA DAS PARTES DO DISCURSO.

Kilpatrick Müller Bernardo CAMPELO¹

RESUMO: A nominalidade é entendida como um feixe de categorias que servem de fundo para a constituição de todas as demais classes de palavras. As classes de palavras se distribuem por macroclasses com base em uma escala hierarquizável de gramaticalidade entre as classes e no interior de cada classe. A análise da disputa de léxico e gramática, em seus aspectos filogenéticos, ontogenéticos e logogenéticos, para a formação inter- e intraclasse, sob o enfoque fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico, constitui o principal desafio do quadro proposto. Para tanto, as tradicionais categorias apontadas como constitutivas das classes e subclasses de palavras são rediscutidas em função da referida disputa léxico-gramática. Torna-se vital admitir a diferenciação entre *léxico* e *gramática* e uma conseqüente renovada disputa léxico-gramatical para a constituição das classes e subclasses de palavras em função do confronto de sincronias que compõem os diassistemas das línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: logogênese; hipótese evolucionária; gramaticalização; metaforização.

Introdução

Este artigo intenta, de forma preponderantemente teórica², discutir as bases de formação das classes e subclasses de palavras, assim como os morfemas intralexicais, a partir de uma classe matricial, a saber: os nomes.

Para tanto, será necessário, em primeira mão, apresentar uma tipologia de línguas, a fim de entender, com base no esforço de uma tipologia morfológica geral, as características ou traços que delimitam léxico e gramática. Essa delimitação nos parece fundamental para entender a matricialidade dos nomes em relação a todas as classes.

Em segundo lugar, é fundamental entender que os processos de inclusão dos itens lexicais nominais em outros paradigmas de classe e subclasse de palavras se constituem por intermédio de operações de gramaticalização e de metaforização. De

¹ UFPI, Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), Departamento de Letras, Rua Torquato Neto, quadra 02, casa 14, Bairro: São Cristóvão, CEP: 64051-060, Teresina, Piauí, Brasil, kilpatrick@ufpi.br e kpatrick@uol.com.br.

² Significa dizer que exemplos serão apresentados, mas apenas à guisa de ilustração da tese central. Não serão, portanto, fruto de coletas de dados exaustivos de *corpora* específicos, de qualquer modalidade da língua.

modo sumário, far-se-á menção aos princípios de gramaticalização e das hipóteses relativas à metaforização e seus efeitos para a constituição de formas gramaticalizadas. Valer-se-á das considerações de Halliday (2004) e Lakoff (1987) para discutir tipos de gramaticalização e a incidência de operações cognitivo-metafóricas.

Em terceiro lugar, o fator pragmático, representado pela incidência da frequência de uso, é determinante para a compreensão do trânsito do léxico para a gramática de determinados itens lexicais. Na verdade, a seqüência da exposição pode gerar a falsa impressão de seqüencialidade dos fatores de gramaticalização, mas todos operam simultaneamente e são interdependentes. A esse respeito, as considerações de Bybee (2006) são fundamentais para a compreensão da relevância da frequência como variável determinante do início e da consolidação de processos de gramaticalização.

Em quarto lugar, apresenta-se uma nova configuração das classes de palavras, a qual pretende explicar as disputas de léxico e gramática para a constituição das classes, assim como os arranjos sistêmicos, de modo vertical e horizontal, da perda de nominalidade. Nessa seção, apresenta-se um quadro que contempla as macroclasses mais lexicais, aqui denominadas *pleriformas*, em confronto vertical com as macroclasses lexicais mais gramaticais, e, em confronto horizontal com as macroclasses gramaticais, aqui chamadas *proformas*.

Finalmente, faremos apenas uma seleção de alguns movimentos de gramaticalização vertical e horizontal no interior e entre as classes e subclasses, dada a impossibilidade de esmiuçar os movimentos de perda de traços de nominalidade matricial em todas as classes e subclasses até atingir o âmbito da morfotática³ intralexical.

³ Por *morfotática*, entende-se aqui o comportamento dos morfemas na sintaxe intralexical.

As diferenças fundamentais de léxico e gramática

Há, naturalmente, diversos pontos de interseção entre léxico e gramática, mas a distinção que aqui se estabelece se funda, em primeira mão, na *hipótese evolucionária* de Givón (1995), a qual explica, para a presente teorização, por que, *ab initio*, os seres humanos aprenderam a identificar concretamente os referentes por meio de nomeações; e, em segundo lugar, pelo entendimento de que tais nomeações se inspiraram em codificações oriundas da experiência corpórea, ou seja, metáforas concretas fundadas em um experimentalismo sensorial⁴. Assim, a distinção se funda em uma base semântico-cognitiva. A referência originária se construiu a partir do confronto dos seres humanos com os objetos do mundo. A referência originária é fundamentalmente antropofórica, concreta ou corpórea e nominativa ou nomeadora⁵.

Parece fundamental tecer algumas considerações sumárias a propósito da tipologia das línguas para uma visualização mais clara do âmbito lexical e gramatical, da definição das classes e das fronteiras entre as classes.

A tipologia mais corrente, segundo Pria (2007), provém de Schlegel, e tem permanecido praticamente a mesma, salvo uma ou outra proposta cujo refino não necessariamente contribui para aprimorar o entendimento sobre o tema.

O fundamental a ser declarado aqui concerne à identificação, entre os diversos estudiosos, de mecanismos configuradores das línguas como *isolantes*, *aglutinantes* e

⁴ Essas metáforas de base sensorial, em cada sincronia, emergem a recompor o léxico de fulcro mais concreto. Para efeito de ilustração, o motivo pelo qual determinadas expressões de caráter preposicional irrompem de designações lexicais a concorrer com as preposições já consolidadas na história da língua, como, por exemplo, *na cara de* a competir *em frente a*, *defronte de*, *diante*, *ante*. O exemplo do item lexical *cara* remete muito concretamente para o referente *rosto*, *face*, ou seja, parte de uma referência calcada em uma experiência corpórea. Ilustra, portanto, a irrupção de novas metáforas corporais para recompor o paradigma de uma classe mais gramatical, como a preposicional.

⁵ Ainda neste artigo, na seção, trata-se da nomeação genésica como uma *protoforicidade*, a qual ainda hoje se constata, no processo de aquisição de uma língua natural, pela precedência da nomeação em relação à predicação, e, na referência entre usuários mais maduros, pela possibilidade de *nominalizar* todo e qualquer referente.

flexivas. A diferença parece fundar-se na preponderância de um ou outro modo de codificação nos diferentes sistemas lingüísticos. Por exemplo, o chinês e o inglês são tidos como sistemas lingüísticos isolantes, mas não deixam de contar com sufixos de flexão, conquanto marginais ou minoritários para indicar ou marcar classes e subclasses⁶. A tipologia sobrevive, conquanto haja objeções, a nosso ver contornáveis, desde que não se alimente uma expectativa de pureza lingüístico-tipológica.

O português é considerado um sistema flexivo. Porém, o sistema flexivo é admissível por sua produtividade morfêmica significativa, mas não exclusiva. As categorias não são expressas privativamente por meio de palavras gramaticais, de morfemas gramaticais, derivacionais ou flexionais. Além disso, importa reconhecer que o português apresenta construções características de línguas aglutinantes ou isolantes, para diversas categorias, conquanto marginais ou periféricas.

O grau de flexividade, identidade de sistema lingüístico flexivo, em português, é seguramente variável, isto é, há categorias cuja expressão não-marcada se dá por meio de flexão, v.g., o *tempo* e o *modo* verbais. Porém, o tempo e o modo não são expressos estritamente por meio de sufixos verbais. Observem-se, por exemplo, as ocorrências a seguir com relação à categoria *tempo*:

(1) Viajo amanhã.

(2) Viajarei amanhã.

A noção de futuridade não foi indicada por meio de um sufixo verbal em (1), mas pelo advérbio *amanhã*. Nesse caso, a língua informa a categoria *tempo* por meio de uma palavra gramatical, ou seja, um advérbio. Diferentemente de (2), em que a forma verbal *viajarei* codifica, por meio do sufixo verbal *-re*, a categoria *tempo* em sua expressão de

⁶ Bidermann (2001) menciona que em chinês há diversos sufixos indicadores de nomes, mas seu caráter é marginal, no quadro geral de formação dessa língua.

futuridade. Essas categorias, quando expressas por afixos, indiciam uma regularidade codificada por meio de formativos flexionais. Porém, em razão da dinamicidade própria da língua, esses formativos sofrem concorrência de construções lexicais, com comportamento similar ao das isolantes, e de construções em vias de gramaticalização.

Importa, finalmente, declarar que o português, não se assemelha, em um grau secundário de classificação, com línguas aglutinantes ou polissintéticas, mas sim com línguas isolantes, porque a concorrência para a expressão de categorias entre formativos flexionais e formas lexicais gramaticalizadas, ou em vias de gramaticalização, é mais usual do que a abundância de morfemas gramaticais para a expressão de diversas categorias, o que caracteriza as línguas aglutinantes. Nas línguas flexivas, os morfemas não podem ser destacados das raízes ou bases a que se adjungem, senão excepcionalmente, ou quando são usados para fins metalingüísticos. Significa dizer que é mais comum que categorias mais gramaticais sofram concorrência de itens lexicais do que existam muitas categorias codificadas por meio de morfemas específicos. Ocasionalmente, os morfemas derivacionais transitam para ambientes morfossintáticos de natureza mais estritamente lexical, o que reflete, menos produtivamente, um comportamento mórfico similar ao das línguas aglutinantes, como nos exemplos (03) e (04):

(3) O jornal de quem pensa **ão**.

(4) Fosse ele, o temido Coronel Libório, trazer uma **zinha** pra dentro de casa (...)

Em línguas flexivas, a relação entre morfemas e categorias apresenta relativa estabilidade, o que permite generalizações satisfatórias. Segundo Biderman (2001, p.126)

(...) a análise morfêmica é particularmente adequada como procedimento na descrição de um corpus de uma língua flexiva. Assim, línguas como o português, o latim e o turco admitem uma descrição eficaz de seus processos gramaticais através dessa técnica. Nessas línguas podemos considerar os morfemas como constituintes imediatos dos lexemas. (BIDERMAN, 2001, p.126)

Traugott & Heine (1991, p.8-9) também julgam relevante a compreensão do estatuto tipológico de uma dada língua para analisar os processos de gramaticalização:

Pareceria que o ponto em que uma gramaticalização pára pode ser determinado por características tipológicas da língua envolvida. Há, por exemplo, um canal bem estabelecido de gramaticalização que leva de posposições a flexões de caso nominal. Para nosso conhecimento, entretanto, tal desenvolvimento não tem sido documentado para línguas do tipo analítico-isolante, nas quais a gramaticalização é improvável de conduzir ao desenvolvimento de uma morfologia flexional. **Observações como estas sugerem que pode haver limites tipológicos imanentes às línguas que bloqueiam a gramaticalização para além de um certo ponto.** [grifo nosso] (1991, p.9)

Com base nas considerações acima, percebe-se quão relevante pode ser o enquadramento tipológico de um sistema para a compreensão de seus processos de constituição gramatical, tanto os já firmados, quanto os constituíveis.

Em suma, a classificação das formas de um dado sistema lingüístico informa sobre suas funções morfossintático-semânticas. E, para o que aqui interessa, permite uma relativa delimitação entre léxico e gramática, com base em uma maior morfologização para a expressão de categorias (cujos significados são originalmente oriundos da experiência humana concreta), em correlação com um enrijecimento sintático e uma maior extensão semântica. Os significados expressos pelas categorias nominais e verbais (*gênero, número, grau, tempo, modo, aspecto, pessoa*) provêm, a princípio, de experiências concretas. Tais significados morfologizam-se mais ou menos em conformidade com o tipo de língua em análise. No português, a morfologização desses significados é tanto mais gramatical quanto mais, em primeiro lugar, migrar do âmbito lexical para o âmbito morfológico, e, em segundo lugar, (já em âmbito morfológico), da

derivação para a flexão. Em cada sincronia, as categorias flexionais, em regra, mostram-se mais resistentes à mudança por outras formas decalcadas de um léxico mais concreto, ou seja, à concorrência por meio de gramaticalizações. Os significados categoriais menos morfológicamente duros abrem-se mais freqüentemente para as metáforas gramaticalizadoras⁷.

Gramaticalização e metaforização.

Cumprir advertir, com Halliday (2004, p.47), que o termo ‘gramaticalização’ pode suscitar dois significados básicos: de processo concluso e de processo em curso. A respeito desse último caso, Halliday indica três tipos de gramaticalização:

Podemos reconhecer gramaticalização como um processo que se situa no tempo – de fato em três dimensões distintas de tempo: 1) podemos vê-la no tempo ontogenético quando observamos o desenvolvimento lingüístico inicial de crianças, que é construído em torno da criação de sistemas protogramaticais e em seguida gramaticais; 2) não podemos observá-la diretamente em tempo filogenético, a evolução da língua humana; mas podemos rastrear exemplos na história de línguas particulares; 3) podemos vê-la no tempo logogenético, o desdobramento do discurso, quando uma passagem de alguma extensão – uma sentença ou mais – é recapitulada em uma única palavra ou grupo. Assim quando falamos de um ‘sistema’ de língua, como o potencial subjacente que é instanciado na forma de texto, estamos de fato teorizando a língua como o resultado de uma contínua gramaticalização em todas essas dimensões de tempo. (2004, p.47)

A citação última enquadra-se perfeitamente no entendimento panorâmico das análises funcionalistas, com o ganho de um refinamento dos tipos de constituição gramatical no tempo. Assim, a observação da aquisição de processos de gramaticalização e as alterações em línguas particulares necessariamente radicam-se no tempo⁸. Mais, a gramaticalização, na 1ª. acepção, é uma tendência inata, haja vista a noção de protogramática, a qual se ‘preenche’ com a aquisição de um sistema de língua

⁷ Discussões mais aprofundadas podem ser encontradas em Campelo (2007).

⁸ As considerações de Halliday (2004) apresentam vantagem em relação às radicais noções de Hopper (1998) de gramática emergente, porque admitem uma propensão inata para gramaticalizar.

natural. Ao mencionar a 2^{a.}, o autor exime-se da resolução do problema adâmico do surgimento das línguas, mas reconhece que, entre as línguas geradas, há a possibilidade de identificar os percursos de gramaticalização. A 3^{a.} menciona a propriedade das línguas de ‘jogar’ com formas mais específicas e genéricas, o jogo de referencialidade em que se alternam definitude e indefinitude. De modo terminologicamente mais específico, ele mencionou o que se intitula *encapsulamento* (v.FRANCIS, 1994), ou seja, a retomada referencial de um trecho frástico ou multifrástico por meio de um sintagma nominal ou um nome simples.

Com base nessas definições, a gramaticalização é uma transformação ou atualização de formas lexicais em formas com funções de caráter gramatical. Ou ainda, de formas gramaticais em formas ainda mais gramaticais. Abstrai-se ainda dessa definição que os limites demarcadores do inventário aberto do léxico e fechado da gramática não se firmam sempre em bases bem determinadas, dado que há formas que transitam de um inventário para outro. Noutros termos, os usuários das línguas naturais recorrem a termos extraídos do léxico geral para a reestruturação e recomposição de suas formas categoriais, sem que esses procedimentos impliquem uma gramaticalização simétrica e extensível a todos os contextos de ocorrência desses mesmos termos. Quedam-se, portanto, muitas formas em curso de gramaticalização em uma zona limítrofe entre o léxico e a gramática. Outras gramaticalizam-se efetivamente, conquanto não percam necessariamente funções mais estritamente lexicais.

Com base nos argumentos apresentados por Givón (1995), torna-se perceptível que ocorre, na língua, um processo contínuo de abstração. Percebe-se nitidamente uma deriva de processos de representação mais icônica – regulados por uma motivação presa ao referente – para processos mais simbólicos – regidos por uma representação desvinculada do referente originalmente motivador da formação lingüisticamente

codificadora. Esses argumentos são reveladores da abstratização que perpassa vários âmbitos da cognição humana e de suas manifestações etnológicas.

Atente-se para a proximidade dessa argumentação de Givón (1995) com a de Halliday (2004), principalmente quando este último trata da proto gramática. Em suma, com base nessa convergência de teses, a gramaticalização enquadraria ou consubstanciaria, de modo mais específico, uma tendência geral de usar a língua, a partir de referências concretas e corpóreas em direção a referências mais abstratas, a concorrer com estruturas gramaticais já constituídas e herdadas.

A relevância da frequência para determinação das diferenças de léxico e gramática: confronto de sincronias.

O critério da frequência assume uma relevância extraordinária. Afinal, a definição do caráter mais ou menos gramatical de um dado item lexical está diretamente relacionada ao seu uso mais ou menos frequente. O que se postula é que a frequência é o fator pragmático fundamental para a geração de operações cognitivas metafórico-abstratizantes produtoras de processos de lexicalização e gramaticalização. Nossa visão coincide com a de Bybee (2006) cuja proposta fundamental é de que:

A proposta apresentada é que as capacidades cognitivas gerais do cérebro humano, que lhe permitem categorizar e procurar por identidade, similaridade e diferença, vão operar sobre eventos lingüísticos com os quais uma pessoa se defronta, categorizando e inserindo na memória essas experiências.

É preciso, contudo, refletir o papel da frequência do ponto de vista do conceito aristotélico de *mimese*. Porque, assim nos parece, a frequência tem um papel de reprodução e assentamento de gramaticalizações herdadas assim como de produção de

novas gramaticalizações, o que não é devidamente explanado pelos textos alusivos ao papel da frequência em processos de gramaticalização.

Para Aristóteles, segundo Sousa (1973), *mimese* é uma **imitação criativa** e uma **criação imitativa**. Assim, resolve-se que os seres humanos de uma dada sincronia, por imitação criativa, apropriam-se de processos gramaticais constitutivos pré-existentes e os reproduzem, reforçando, dessa forma, parcela significativa de formas circulantes, ou assegurando-lhes a permanência para as sincronias vindouras. Naturalmente, como não se trata de uma operação mimética puramente imitativo-criativa, há formas que são derogadas ou perdem em frequência de uso em favor de outras forjadas pelos mesmos membros de uma dada sincronia. Neste caso, a operação mimética que toma corpo é de caráter criativo-imitativo, porque os usuários de uma dada sincronia sacam formas do léxico em sentido estrito, ou pleriformas, para compor novas formas gramaticalizadas. No primeiro caso, formas da gramática herdada permanecem. No segundo caso, formas do léxico herdado são matrizes para a forja de novos itens gramaticais. Neste último caso, o **léxico**, em sentido estrito, funciona como *terminus ab quo* da **gramática**. Discutamos a seguir, mais detalhadamente, os efeitos da frequência com base nas noções gramaticais de Halliday (2004).

Em termos ontogenéticos, o léxico, em sentido estrito, é *terminus ab quo* da gramática, porque preenche, com base nos arranjos de cada sistema lingüístico natural, as disposições gramaticais paramétricas inatas. O **léxico** ocupa os dispositivos inatos constitutivos de todo e qualquer sistema lingüístico natural.

Em termos filogenéticos, o léxico, em sentido estrito, é *terminus ab quo* da gramática, porque todo e qualquer falante recupera, de modo condensado, o percurso evolutivo de constituição da linguagem humana, tal como sucede, *mutatis mutandis*,

com processos evolutivos de natureza mais estritamente biológica, como, por exemplo, a formação embrionária.

Em termos logogenéticos, o léxico, em sentido estrito, é *terminus ab quo* da gramática, porque nos sistemas lingüísticos naturais, por obra e indústria dos usos, os movimentos de reconfiguração do léxico e da gramática não cessam de existir. O léxico, *stricto sensu*, é sempre a matriz de novas acomodações de expressão da gramática em sentido ontogenético.

Léxico, em sentido estrito, são bases lexicais (com ou sem afixos de toda ordem) e sintagmas fonte de gramaticalização. Isto é, incluem-se em paradigmas, mais ou menos regulares, conforme a classe, subclasse ou formativo, que expressam categorias de maneira *estruturiforme*.

Em razão da eleição de determinadas formas, quer para conservação da gramática herdada, quer para a forja ou criação de novas formas ou paradigmas gramaticais, há a gramaticalização, isto é o movimento de formas ou funções do léxico para a gramática. As conseqüências da gramaticalização são: *usança majoritária*, *redução mórfica*, *enrijecimento tático*, *genericidade semântica*. Percebe-se, por conseguinte, que a freqüência exerce um papel determinante para iniciar, reforçar e consolidar uma gramaticalização. Analisem-se a seguir as relações entre os conceitos de gramática e a gramaticalização.

A relação entre a *gramática ontogenética* e gramaticalização representa um *terminus ab quo*, no nível ontogenético, vez que responde pelo enquadramento paradigmático em todos os níveis (classes, subclasses, morfemas e processos de formação de palavras, etc).

Com relação aos tipos de gramática *filo* e *logogenética* e a gramaticalização, a gramática se encontra mais diretamente sujeita a injunções de ordem pragmática, isto é,

reflete a experiência sensível e corpórea dos usuários de uma dada sincronia. Como conseqüência, irrompem do léxico estrito (pleriformal por excelência) formas geradoras de disputas da gramática herdada com a léxico-gramática sincronicamente gestada para expressar os paradigmas da gramática ontogenética, em conformidade com o tipo de língua. A gramática, nesse sentido, é um *terminus ad quem* em virtude da movimentação de itens de âmbito semântico mais intensionalmente carregado e, portanto, com restrições referenciais, para o âmbito semântico mais intensionalmente genérico, com traços fóricos e glotossêmicos otimizados⁹.

Concomitantemente, em conformidade com o paradigma (classe ou subclasse), outras alterações em direção à gramaticalização se operam nos níveis fonológico e morfossintático, conforme já se salienta.

Em suma, é possível concluir a respeito das diferenças entre *Léxico* e *Gramática*, em razão da incidência da freqüência de uso, que: 1) são, em última análise, discerníveis, desde que não haja ampliação excessiva do conceito de um ou outro nível de manifestação ou codificação lingüística de categorias e funções; 2) Gramática é, a um só tempo, ontogeneticamente *terminus ad quo* e filo- e logogeneticamente *terminus ad quem*.

A freqüência de uso é fundamental para compreender o caráter holonômico¹⁰ da categoria *proformalidade*, proposta por Campelo (2007). A *proformalidade* se funda em uma usança majoritária geradora de abstratização semântica e outros efeitos característicos de gramaticalização exponencial (redução mórfica, dependência sintática), de tal sorte que o exemplar da classe, subclasse ou formativo apresenta um caráter supletivo eletivo. Noutros termos, por obra da *proformalidade*, conservam-se

⁹ O neônimo *glotossêmico* foi cunhado por Campelo (2007) com a significação de significado estritamente intralingüístico, o que sucede com os elementos relacionais (conjunções e preposições).

¹⁰ O caráter holonômico da categoria *proformalidade* representa sua presença em diversos níveis de manifestação da língua, ou seja, entre as macroclasses, subclasses e morfemas intralexicais.

apenas os traços mínimos otimizados típicos de uma dada *classe*, *subclasse* ou *formativo*. Reitere-se que tal categoria opera mutações em pleriformas em prol da conservação de traços representativos do paradigma de cada item prototípico de uma classe, subclasse ou formativo, em todos os âmbitos de manifestação (formal, sintático e semântico-pragmático).

A proformalidade condiciona, em suma, a gramaticalidade otimizada por meio de proformas de cada paradigma. A proformalização representa a movimentação de pleriformas em direção ao seu correlato paradigma proformal. A atuação da proformalidade, geradora da proformalização, é diretamente condicionada pela frequência de uso.

Uma nova proposta de configuração das classes de palavras em função da incidência da categoria *proformalidade*: o reflexo das disputas de léxico e gramática.

A inovação terminológica aqui apresentada provém do reconhecimento do movimento entre léxico e gramática para estruturar, sempre em caráter provisório, as classes de uma dada língua natural flexiva como o português. Assim, todas as classes podem manifestar suas categorias por meio de expedientes mais lexicais, isto é, com a manutenção de traços fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos e semântico-pragmáticos menos erodidos fonologicamente, menos presos morfológicamente, menos presos sintaticamente, mais específicos semanticamente e menos usuais pragmaticamente. Assim, a representação esquemática da disputa entre léxico e gramática, em termos binários, pode ser descrita como no quadro a seguir:

Macroclasses	Pleriformas e Proformas correspondentes	Formas prototipicamente representativas e indiciadoras de relativa correspondência forma/função	
Nome – Substantivos	Nominais – pronominais	O – demonstrativo	
Adjetivos	Idem ao anterior	O – articular	
Verbo	Verbais ou proverbais	Fazer – coisar	
Advérbio	Adverbiais ou proadverbiais	Assim	
Relacionais	Relacionais ou prorrelacionais (pró-conjunção e pró-preposição)	Conjunção	Coordenativa – e Subordinativa – que
		Preposição	De

Quadro 01

Cada classe e subclasse merece, naturalmente, tratamento específico, que não pode ser apresentado aqui¹¹.

Sobre o estatuto de gramaticalidade das pleriformas, importa dizer que, a nosso ver, deve ser conservado tal como o entende a tradição, ou seja, que as formas nominais e verbais têm um estatuto menos gramatical do que o das pleriformas adverbiais e relacionais, conforme se pode verificar com base no quadro abaixo:

Análise da gramaticalidade vertical entre as macroclasses pleriformais

		Gramaticalidade crescente de cima para baixo.
Nomes	Pleriformas menos gramaticais Abrigo das categorias nominais com propriedades semânticas originárias de experiências concretas.	Fonte de emergência original de formas gramaticais que podem compor as pleriformas mais gramaticais ou migrar para sua contraparte proformal.
Verbos	Pleriformas menos gramaticais Receptáculo das categorias verbais com propriedades semânticas originárias de experiências concretas.	Fonte de emergência de formas gramaticais constituintes de pleriformas gramaticais, com possível abstratização de desempenho proformal verbal (casos de auxiliaridade e delocutividade verbal).
Advérbios	Elementos de trânsito Perda de categorias nominais e conservação de atribuições semânticas de vária ordem em termos referenciais.	Formas nominais gramaticalizadas pela perda de categorias típicas e, assistematicamente, formas fonte para composição de prefixos.
Elementos relacionais	Pleriformas mais gramaticais por ausência de referência extralingüística, a não ser em casos de conversão. Perda integral das categorias	Formas oriundas de diversas classes para composição de preposições e conjunções. As conjunções, contudo, podem gerar-se de

¹¹ Em Campelo (2007), há uma discussão específica sobre cada classe e, em alguns casos, subclasses com base na concepção epistemológica geral de que deve haver uma aliança entre binarismo e prototipia a fim de configurar as classes, subclasses e constituintes intralexicais. Cumpre dizer que o simetrismo binarista das macroclasses pleri- e proformal do quadro acima oculta as zonas de fronteira representadas pelas gramaticalizações.

	nominais.	pleriformas preposicionais acidentais.
--	-----------	--

Quadro 02

Então, dos nomes para os verbos, há uma gramaticalização em virtude da complexificação verificável na projeção argumental emanada das formas verbais; da concorrência morfológica para a codificação de categorias de *número, pessoa, aspecto, tempo e modo*; da perda da possibilidade de identificação de um dado referente de forma individualizável. Com efeito, os nomes predicam, mas não com o mesmo grau de abstração encontrada nas formas verbais; os nomes codificam todas as categorias mencionadas por meio de base lexicais, não mórficas; os nomes permitem a individualização ou a apreensão segmentável dos referentes, não sua projeção em cenários construídos por meio de ações, processos ou estados com papéis sintático-semânticos variados para os participantes da sentença. Dos nomes para os advérbios, há uma gramaticalização de identificação mais simples, porque os advérbios conservam, em termos mórficos, apenas os morfemas de grau. Dos nomes para os elementos relacionais, em termos mórficos, uma perda de todas as categorias nominais, a restar tão somente a significação hipofórica¹².

O quadro mais completo dos movimentos de perda de nominalidade e gramaticalização vertical e horizontal entre e no interior das macro- e subclasses apresenta-se em Campelo (2007).

Considerações finais

O maior problema para a comprovação da tese nuclear deste artigo reside em compreender o trânsito dos nomes para os verbos, ou seja, como, em línguas flexivas,

¹² Denominamos *hipoforicidade* a foricidade residual encontrada nos elementos relacionais pleriformais (as tradicionalmente conhecidas locuções preposicionais e conjuncionais), em que se identificam claramente as bases nominais de onde partem as metáforas conceituais.

os nomes contraíram os morfemas verbais a ponto de se transformarem em verbos. Por outras palavras, de que forma os nomes se transformaram em verbos?

Uma pista interessante para indiciar a precedência dos nomes seria a recolha de ocorrências de processos de formação de palavras por denominalidade, ou seja, uma vez provada a maior produtividade da denominalidade em relação à deverbalidade, haveria uma pista sustentável da precedência, mesmo no atual estágio de complexidade dos sistemas lingüísticos naturais da original matricialidade de base nominal.

Outro indício é a análise, em línguas flexivas como o português, da auxiliaridade verbal, que representa uma forma de contribuição do léxico para a gramática em relação ao paradigma verbal. Noutros termos, a auxiliarização, em termos morfológicos, ocorre por intermédio da gramaticalização de formas verbais combinadas com nomes. Penaferrera (2007, p.246) contribui positivamente para o entendimento sobre o qual discutiremos aqui, na medida em que identifica, entre os estágios de gramaticalização do verbo *chegar*, um momento em que esse verbo contrai um valor aspectual terminativo em razão da presença da construção de base nominal *a ponto de*. Assim, a noção aspectual em tela foi codificada, originalmente, por uma expressão de base nominal¹³.

O principal percurso, de cariz teórico, diz respeito à assunção de que é primeiro preciso nomear um referente, ou seja, identificá-lo por meio de um dado nome para, em um processo ulterior, transformá-lo em item predicativo. Por outras palavras, os nomes precedem os verbos no que diz respeito à referenciação. Aliás, a predicação não representa, para muitos, uma referenciação típica. A referenciação típica é encontrada entre os nomes, em especial, os substantivos, os quais podem codificar todo e qualquer referente, inclusive sentenças, isto é, referentes que não identificáveis por meio de uma

¹³ É interessante observar que a aspectualidade mais aberta a gramaticalizações é a imperfectiva. É difícil aparecer gramaticalizações de formas verbais que codificam aspectualidade perfectiva.

identidade individualizável. A nominalização, portanto, representa uma forma de referir primitiva, uma protoforicidade. Tal foricidade sofre adaptações ou ajustes para formar os outros paradigmas¹⁴.

Outro percurso, de cariz empírico, consiste em investigar qual macroclasse (se a nominal, se a verbal) é mais produtiva. O que queremos dizer é que se pode pesquisar se os verbos geram mais nomes ou os nomes mais verbos. Novamente, a maior produtividade nominal para a formação de formas verbais representaria um indício razoável da matricialidade nominal. Se os nomes geram mais verbos, os nomes representam a base da formação verbal, de um modo geral. Assim, seria comprovável a precedência da referenciação de base nominal em relação à verbal. Assim, a gramaticalização, em termos morfológicos, mais característica dos verbos, que reside na escolha dos usuários de verbos lexicais para cumprir funções gramaticais, tal como sucedeu com as formas do futuro, ou tal como sucede, atualmente, com o uso do pretérito imperfeito do indicativo para assinalar o imperfeito do subjuntivo ou o condicional; como dizíamos, a gramaticalização verbal típica adviria, em última análise, dos nomes, uma vez que os nomes, de modo majoritário, consubstanciaram as matrizes lexicais dos verbos.

Um terceiro percurso é de ordem cognitiva, estudos psicolinguísticos atestam que as crianças, primeiramente, aprendem a nomear. Novamente, a precedência da nomeação à designação de estados de coisas por meio de ações, processos e estados, ou seja, a percepção identificatória de referentes por meio de nomes a anteceder a sua configuração em uma estrutura sentencial e um cenário correlato representa um indício pérvio de que os nomes antecedem os verbos.

¹⁴ Uma ilustração possível da precedência nominal pode estar no verbo latino *'plicare'*, cuja origem é nominal, de *'plexum'* (abraço). Da forma nominal surgiu o verbo que, já no latim vulgar, assumiu um comportamento similar ao dos verbos auxiliares.

Resta ainda apontar outro percurso interessante: a categorialidade verbal e sua expressão nominal. Perguntamo-nos se as categorias verbais típicas, *tempo*, *modo*, *aspecto*, *número*, *pessoa*, *conjugação*, não podem ser expressas lexicalmente, ou seja, mais nominalmente? A resposta nos parece ser sim, salvo para a expressão da conjugação. Mas, para a expressão do *modo*, há vários expedientes nominais, ou mais nominais (adverbiais), para expressar o modo verbal. Há línguas, aliás, que não dispõem sequer de formas específicas para designar o modo subjuntivo ou imperativo. Para a expressão do *tempo*, novamente, é possível entender que existem formas nominais codificadoras de temporalidade, a substituir, em alguns casos os morfemas modo-temporais. Para a expressão da *pessoa*, há inúmeros estudos comprobatórios de que a codificação morfológica da noção de pessoa em formas verbais não é obrigatória. Em português, tem havido uma crescente neutralização em virtude do ingresso de proformas nominais gramaticalizadas nos últimos quatro séculos. Para a expressão do *número*, novamente, os mesmos processos de gramaticalização proformal nominal têm respondido pela neutralização que afeta, a um só tempo, os morfemas categoriais número-pessoais. Em face do exposto, novamente, há indícios claros de que a nominalidade governa, matricialmente, a expressão de todas as classes e pode contribuir para rearranjar, em uma língua flexiva, a expressão de categorias verbais com a seleção de itens lexicais outrora cumpridores de funções estritamente nominais.

Em suma, os caminhos estão ainda abertos para uma configuração mais rigorosa da combinação da hipótese evolucionária, com processos de metaforização, gramaticalização e referenciação com vistas a uma descrição mais rigorosa da noção de palavra e, a partir disso, de suas classes, subclasses e constituintes intralexicaís.

Referências bibliográficas

BYBEE, Joan. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. Language. Volume 82, Number 4, December 2006.

BYBEE, Joan, PERKINS, Revere & PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago, 1994.

FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcom. *Advances in written text analysis*. London & New York: Routledge, 1994.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Bio-Linguistics – The Santa Barbara Lectures*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

HALLIDAY, Michael. *Introduction to Functional Grammar*. London, Arnold, 2004.

HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HOPPER & TRAUGOT. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul J. Emergent Grammar. In: TOMASELLO, Michael. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. London, Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1998.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. München, Newcastle: Lincom Europa, 1995.

PAGLIUCA, William. *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co. 1994.

PENA-FERREIRA, Ediene. *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo panorâmico do verbo chegar*. Tese de doutorado. UFC, 2007.

PRIA, Albano Dalla. *Tipologia lingüística: línguas analíticas e línguas sintéticas*. www.filologia.org.br/soletras/11/11.htm. 2007.

SOUZA, Eudoro de. *Arte e Escatologia*. In *Dioniso em Creta e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

TRAUGHT, E.C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Volume I. John Benjamins Company: Amsterdam/Philadelphia, 1991. Company: Amsterdam/Philadelphia. 1991.